

DUAS FORMULAÇÕES DO GÊNIO EM NIETZSCHE E SUA RELAÇÃO  
COM A EDUCAÇÃO

*Pablo Sathler*

*Universidade Federal de Ouro Preto*

O interesse pela educação só ganhará força a partir do momento em que se abandone a crença num deus e em sua providência. Nietzsche, *Humano, demasiado humano*.

**Resumo**

O presente artigo tem por objetivo apresentar duas formulações do conceito de gênio encontradas na filosofia de Friedrich Nietzsche (1844 - 1900). Como ponto inicial do estudo, tomaremos sua obra de estreia *O nascimento da tragédia* (1872), na qual a reflexão do jovem filósofo ainda mostra-se mobilizada por questões metafísicas. Em seguida, passaremos ao exame da obra *Humano, demasiado humano* (1878), na qual o filósofo alinha-se a uma concepção classicista do tema do gênio, em contraste direto com suas posições iniciais. Por fim, apresentaremos algumas consequências das posições firmadas indicadas pelo próprio autor, principalmente relativas à sua articulação com o tema da educação. O saldo da comparação entre as duas concepções pretende indicar o caráter de formação (*Bildung*) do gênio artístico.

**Palavras-chave:** Gênio. Nietzsche. Educação. *Bildung*. Estética. Arte.

**Abstract**

The present article aims to present two formulations of the concept of genius found in the philosophy of Friedrich Nietzsche (1844 - 1900). As the starting point of the study, we will take his debut work *The Birth of Tragedy* (1872), in which the reflection of the young philosopher is still mobilized by metaphysical questions. Then we will examine *Human, all too human* (1878), in which the philosopher is aligned with a classicist conception of the theme of genius, in direct contrast to his initial positions. Finally, we will present some consequences of the stated positions indicated by the author, mainly related to its articulation with the theme of education. The balance of the comparison between the two conceptions is intended to indicate the formative character (*Bildung*) of the artistic genius.

**Keywords:** Genius. Nietzsche. Education. *Bildung*. Aesthetics. Art.

## Introdução

Do ponto de vista da filosofia, sobretudo da estética e da filosofia da arte, o conceito de gênio é tratado com frequência. Em autores modernos como Kant, Hegel e Rousseau, a elaboração do conceito é central para o desenvolvimento de outros temas decisivos. Em Kant, por exemplo, o conceito aparecerá somente na última parte (analítica do sublime) da *Crítica da faculdade de julgar*. Ou seja, o conceito surge apenas na última obra do grande sistema kantiano. Em contrapartida, autores como Schelling, Schopenhauer e os irmãos Schlegel versaram sobre o conceito segundo perspectivas diferentes. Em sua obra magna, *O mundo como vontade e representação*, Schopenhauer parte do conhecimento intuitivo para descrever o mundo. Esta será a forma de conhecimento do gênio. Ainda na mesma obra, em seu terceiro livro, aparece o tema da estética e, em seu bojo, a questão do gênio. Além disso, mais especificamente na *Metafísica do Belo* encontramos todo o capítulo seis dedicado ao conceito.

I – Intelectualmente mais próximo dos autores mencionados por último, Friedrich Nietzsche, em sua obra de estreia *O nascimento da tragédia*, menciona o conceito pela primeira vez no âmbito de questões ligadas ao trágico. A principal distinção relativa ao conceito nesse primeiro momento será entre o gênio ingênuo (*näif*) e o gênio idealizado. Como exemplo desses casos, Nietzsche serve-se das figuras de Homero e do Emílio de Rousseau, respectivamente. O primeiro é fruto da cultura na qual está inserido, revelando-nos o modo como a própria natureza atua; culminando no modo espontâneo de fazer artístico. O segundo aparece de modo idealizado, no qual há correlação direta entre natureza e sujeito. Ele entra em contato com a própria natureza e cria. Em outras palavras: um é natureza, o outro entra em contato com ela. Vejamos como o tema se articula no contexto daquele livro.

Um dos principais aspectos das discussões ali efetuadas possui cunho existencial. Para efeito de elaboração, nosso autor vale-se da filosofia de seu predecessor, Schopenhauer, e se apropria dos conceitos *Vontade e Representação* sob os nomes dos deuses helênicos Apolo e Dionísio, respectivamente. A formação do universo – de agora em diante tomado como natureza – atua ora configurando, ora destruindo. Ou seja, a natureza que abrange a

totalidade do existente, ao se formar, se constitui segundo movimentos opostos e contrários. Esses pares de opostos constituem-se em torno das relações entre as divindades mencionadas. Apolo é o deus das artes plásticas, o criador da bela aparência no mundo; o configurador; o responsável pelo princípio de individuação; aquele que delineia, que contorna, que marca o mundo. Ao lado dele, temos Dionísio – que remete ao êxtase – o deus da destruição, da desmedida, aquele que destrói o princípio de individuação.

O caráter inventivo, criador – para não dizer artístico – surge aqui de maneira distinta daquela formulada por Schopenhauer e faz do empreendimento de Nietzsche mais humanizado, mais próximo do vivente. Como bem sabemos, os deuses do Olimpo vez ou outra caminhavam sobre a terra a fim de vivenciar experiências humanas. As afecções humanas como ira, inveja e amor faziam deles entidades de certa forma corruptíveis e imperfeitas. Essa aproximação criada por Nietzsche entre os conceitos citados e os deuses helênicos torna simples, mas não menos exigente, a formulação de hipóteses sobre o problema cosmológico relativo à criação do universo. Ao valer-se de elementos que dizem respeito à criação para concepção de um problema metafísico, Nietzsche empresta características artísticas à questão. A criação do universo passa a valer sob o ponto de vista artístico, afinal, o universo não foi criado, inventando, assim como as obras de arte?

A maneira como os deuses atuam revela-nos as características particulares de cada um deles. Do ângulo da fisiologia, ou seja, considerando os aspectos diretamente ligados ao corpo, a função relacionada a Apolo é o sonho e a imagem relacionada a Dionísio é a embriaguez. O primeiro atua configurando e formando a natureza e nos revela o princípio de individuação, o segundo está ligado à aniquilação de si e ao *delicioso êxtase* (NIETZSCHE, 2007, c.f. p.27) e, assim, acaba por romper com aquele princípio. Diante dessa configuração do problema, o homem artístico deixa de ser um mero imitador da natureza e passa a ser ela mesma, mas como dito anteriormente: o homem não possui uma relação direta com a natureza, nele é a própria natureza o atuante. Aqui, o homem subjetivo não existe. O vivente deixa de ser artista e torna-se obra de arte, na qual a natureza se revela e se expressa.

Esse par de forças opostas, como vimos, atua independentemente da vontade do homem, da vontade do sujeito particular. A natureza irrompe o homem com sua suprema

força sem deixar espaço para a subjetividade.

Até agora examinamos o apolíneo e o seu oposto, o dionisiaco, como poderes artísticos que, sem a mediação do artista humano, irrompem da própria natureza, e nos quais os impulsos artísticos desta se satisfazem imediatamente e por via direta: por um lado, como o mundo figural do sonho, cuja perfeição independe de qualquer conexão com a altitude intelectual ou a educação artística do indivíduo, por outro, como realidade inebriante que novamente não leva em conta o indivíduo, mas procura inclusive destruí-lo e libertá-lo por meio de um sentimento místico de unidade. Em face desses estados artísticos imediatos da natureza, todo artista é um “imitador”, e isso quer como artista onírico apolíneo, quer como artista extático dionisiaco [...]. (NIETZSCHE, 2007, p.29).

Sendo a construção artística independente do próprio artista, cabe agora examinar como se constituem os modelos distintos de gênio presentes no capítulo três do *Nascimento da Tragédia*. Homero e o Emílio de Rousseau são os exemplos figurados. O primeiro surge da necessidade da vontade de contemplar-se a si mesma e do triunfo completo da ilusão apolínea; quer dizer, o gênio homérico surge da necessidade da vontade de se ver configurada em algo, que no caso é o mundo artístico grego em seu momento clássico. Quer dizer, este modelo de gênio é fruto da construção de uma cultura. Além da hipótese metafísica, segundo a qual a vontade contempla a si mesma, o gênio surge das relações culturais criadas e estabelecidas por um povo. O caráter aqui é educacional, ou melhor, trata-se das características de formação (*Bildung*) de um povo. Por outro lado, o gênio emiliano ou o gênio idealizado surge da idealização de uma cultura frente a determinado sujeito. Podemos dizer que este modelo de gênio estabelece correlação entre sujeito e natureza, e tal nexos é recorrente entre os românticos. Ao conceber ambos os modelos, verificamos que os dois atuam configurando, i.e, formatando a natureza.

São esses os modelos de gênio que Nietzsche concebe em sua primeira fase. Muito jovem e ainda preso a questões políticas e à causa nacionalista de Richard Wagner (1813 - 1883), nosso autor caminha em um terreno metafísico cheio de armadilhas políticas e ideológicas, e a ouvidos menos atentos suas formulações soarão em consonância com as aspirações do Terceiro Reich. Porém, em um momento posterior, sobretudo em *Humano, demasiado humano* (1878), Nietzsche liberta-se do peso de tais influências e junto a isso, rompe sua relação com Wagner e com a filosofia de seu mestre Schopenhauer. A partir daí, é concebido um novo modelo de artista genial. Agora o gênio é fruto do acúmulo de energia.

Assim como um rio que transborda, o gênio transborda em criações artísticas, não por possuir relação direta com a natureza, mas, sim, pelo acúmulo e posterior transbordamento de energias adquiridas ao longo dos anos.

II – Sobretudo no quarto capítulo de *Humano, demasiado humano* intitulado *Da alma dos artistas e escritores*, Nietzsche expõe a origem dessa outra maneira de conceber o gênio. Abandonado a prosa expositiva como forma de escrita e usando um modo mais sucinto de enunciação, Nietzsche opta pela escrita em aforismos. Um dos motivos que o levaram a essa mudança, foi a possibilidade de síntese que o aforismo permite. Sua pretensão é escrever em poucas páginas o que outros não escreveram em vários livros. Apesar de extenso, vale a reprodução integral do aforismo que inaugura essa nova concepção de gênio.

231 – A origem do gênio. – A engenhosidade com que o prisioneiro busca meios para a sua libertação, utilizando fria e pacientemente cada ínfima vantagem, pode mostrar de que procedimento a natureza às vezes se serve para produzir o gênio – palavra que espero, será entendida sem nenhum ressaibo mitológico ou religioso –: ela o prende num cárcere e estimula ao máximo o seu desejo de se libertar. – Ou, para recorrer a outra imagem: alguém que se perdeu completamente ao caminhar pela floresta, mas que, com energia invulgar, se esforça por achar uma saída, descobre às vezes um caminho que ninguém conhece: assim se formam os gênios, dos quais se louva a originalidade. – Já foi mencionado que uma mutilação, um aleijamento, a falta relevante de um órgão, com frequência dá ocasião a que outro órgão se desenvolva anormalmente bem, porque tem de exercer sua própria função e ainda uma outra. Com base nisso pode-se imaginar a origem de muitos talentos brilhantes. – Dessas indicações gerais quanto ao surgimento do gênio faça-se a aplicação ao caso específico, o da gênese do consumado espírito livre. (NIETZSCHE, 2005, p.147).

Como vimos, a nova formulação do conceito não conserva qualquer resquício mitológico ou religioso, ou seja, nenhum aspecto metafísico é agora levado em consideração. O ponto nevrálgico da argumentação é a distinção entre concepções que concorrem em torno de uma mesma questão. A primeira fase de produção de Nietzsche ainda situa suas principais iniciativas em um ambiente metafísico. No segundo período, temos um Nietzsche diferente, o que se reflete na exclusão quase que completa dessas questões. O filósofo encontra outros meios para suas investigações. Em outras palavras: a questão nominalmente é a mesma, mas a forma de montar o problema muda.

Ainda na linha do segundo modo de concepção de gênio, de acordo com qual o indivíduo passa por um processo de acúmulo de energia, pelo adestramento da moral do método, da disciplina, da paciência, da contração de energia, etc., Nietzsche extrai do

problema desdobramentos que merecem atenção. Um deles aparece no §162 que trata do culto a essa figura surpreendente, e do prazer que nós meros mortais temos em contemplar tal ser extraordinário. Aqui, o filósofo parece desconfiar de que o artista genial, seja, afinal, dotado de alguma capacidade sobre humana.

Culto ao gênio por vaidade. – Porque pensamos bem de nós mesmos, mas não esperamos ser capazes de algum dia fazer um esboço de um quadro de Rafael ou a cena de um drama de Shakespeare, persuadimo-nos de que a capacidade para isso é algo sobremaneira maravilhoso, um acaso muito raro ou, se temos ainda sentimento religioso, uma graça dos céus. É assim que nossa vaidade, nosso amor-próprio, favorece o culto ao gênio: pois só quando é pensado como algo distante de nós, como um milagre, o gênio não fere. [...] Mas, não considerando estes sussurros de nossa vaidade, a atividade do gênio não parece de modo algum essencialmente distinta da atividade do inventor mecânico, do sábio em astronomia ou história, do mestre na tática militar. Todas essas atividades se esclarecem quando imaginamos indivíduos cujo pensamento atua numa só direção, que tudo utilizam como matéria-prima, que observam com zelo a sua vida interior e a dos outros, que em toda parte enxergam modelos e estímulos, que jamais se cansam de combinar os meios de que dispõem. Também o gênio não faz outra coisa senão aprender antes a assentar pedras e depois construir, sempre buscando matéria-prima e sempre a trabalhando. Toda atividade humana é assombrosamente complexa, não só a do gênio: mas nenhuma é um milagre”. – De onde vem então a crença de que só no artista, no orador e no filósofo existe gênio? De que só eles têm “intuição”? Claramente, as pessoas falam do gênio apenas quando os efeitos do grande intelecto lhes agradam muito e também não desejam sentir inveja. Chamar alguém de “divino” significa dizer: “aqui não precisamos competir. (NIETZSCHE, 2005, p.116).

Com isso, Nietzsche indica sua versão para o segredo do artista genial e o modo como as pessoas recepcionam suas criações. Muitas vezes tomamos a obra apenas como produto final, acabada, terminada, e esquecemos do processo de construção da mesma. No entanto, Nietzsche adverte que esse é um dos fascínios que o gênio exerce sobre as pessoas. Digamos que ele aproveita da não observação do processo de criação da obra e apresenta às pessoas seu produto final como se este tivesse surgido sem qualquer esforço ou trabalho de construção.

E além disso: tudo o que está completo e consumado é admirado, tudo o que está vindo a ser é subestimado. Mas na obra do artista não se pode notar como ela veio a ser; essa é a vantagem dele, pois quando podemos presenciar o devir ficamos algo frios. A arte consumada da expressão rejeita todo pensamento sobre o devir; ela se impõe tiranicamente como perfeição atual. Por isso os artistas da expressão são vistos eminentemente como geniais, mas não os homens da ciência. Na verdade, aquela apreciação e esta subestimação não passam de uma infantilidade da razão”. (NIETZSCHE, 2005, p.116).

Nesse trecho notamos como Nietzsche distancia-se, e muito, de Kant, um dos filósofos

a compor uma das teorias mais significativas e estudadas sobre o gênio. Sem entrar em pormenores, pode-se afirmar que Kant diz que a alcunha de gênio deve ser dada apenas a artistas. Homens da ciência como Newton, apesar de sua envergadura intelectual, não merecem tal título. A razão disso, segundo Kant, é o fato de ser possível a qualquer pessoa apreender um teorema matemático e com isso saber o caminho lógico-científico percorrido pelo cientista; e não ser possível o mesmo procedimento na arte. Não sabemos qual caminho Beethoven percorreu na criação da nona sinfonia.

Ainda sobre a recepção do gênio, no §164 com o título *perigo e benefício do culto ao gênio* Nietzsche nos alerta sobre a ilusão da genialidade nos seguintes termos:

A crença em espíritos grandes, superiores, fecundos, ainda está – não necessariamente, mas com muita frequência – ligada à superstição, total ou parcialmente religiosa, de que esses espíritos são de origem sobre-humana e têm certas faculdades maravilhosas, mediante as quais chegariam a seus conhecimentos, de maneira completamente distinta da dos outros homens. Atribui-se a eles uma visão imediata da essência do mundo, como que através de um buraco no manto da aparência, e acredita-se que, graças a esse maravilhoso olhar vidente, sem a fadiga e o rigor da ciência, eles possam comunicar algo definitivo e decisivo acerca do homem e do mundo. [...] Por outro lado, é no mínimo questionável que a superstição relativa ao gênio, a suas prerrogativas e poderes especiais, seja proveitosa para o próprio gênio, quando nele se enraíza. Em todo caso, é um indício perigoso que o temor de si mesmo assalte o homem, seja o célebre temor dos cézares ou o temor do gênio que aqui consideramos; que o aroma do sacrifício, justamente oferecido apenas a um deus, penetre o cérebro do gênio e ele comece a hesitar e se ver como sobre-humano. As consequência a longo prazo são: o sentimento de irresponsabilidade, de direitos excepcionais, a crença de estar nos agraciado com seu trato, uma raiva insana frente à tentativa de compará-lo a outros, ou de estimá-lo inferior a trazer à tona as falhas de sua obra. [...] Portanto, para os grandes espíritos é provavelmente mais útil que eles se deem conta de sua força e da origem desta, que apreendem as qualidades puramente humanas que neles confluíram, as felizes circunstâncias que ali se juntaram: energia incessante, dedicação resoluta a certos fins, grande coragem pessoal; e também a fortuna de uma educação que logo ofereceu os melhores mestres, modelos e métodos. É claro que, se têm por objetivo provocar o maior efeito possível, a falta de clareza sobre si mesmos e aquela semiloucura extra sempre ajudaram muito; pois em todos os tempos o que se admirou e se invejou neles foi justamente a força mediante a qual anulam a vontade dos homens e os arrastam à ilusão de que à sua frente está líderes sobrenaturais. Sim, acreditar que alguém possui poderes sobrenaturais é algo que eleva e entusiasma os homens: neste sentido a loucura, como diz Platão, trouxe as maiores bênçãos para os homens [...] (NIETZSCHE, 2005, p.117-18).

Vemos que o culto ao gênio, como o conhecemos ainda hoje, pode causar certos ruídos no debate sobre arte e, sobretudo, causar interferências no debate sobre a prática artística. À luz das considerações nietzschianas, esses seres pretensamente sobre-humanos

parecem menos divinos do que imaginamos. Em última análise, esses sujeitos excepcionais são pessoas que se cultivam de forma distinta da maioria das pessoas. Elas possuem as mesmas características que todas as outras, no entanto, a maneira como exercem suas atividades e afecções é que faz a diferença. Dito de outro modo: o que caracteriza o gênio não é o que se exerce, mas como se exerce.

III – Menos conhecidos que outros temas de Nietzsche – como a vontade de potência ou a morte de Deus – os escritos que refletem sobre educação trazem significativas contribuições para pensarmos questões como a que está em foco. Dentre esses pequenos, embora expressivos textos, destacam-se: *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* e *Schopenhauer como educador*. O primeiro – que mais nos interessa aqui – escrito no período de juventude do filósofo, busca pensar os modelos de ensino alemães vigentes ao final do século XIX. Trata-se de uma série de conferências proferidas por Nietzsche a estudantes e intelectuais – entre janeiro e março de 1872 – na universidade da Basileia onde, desde seus vinte e cinco anos, ele passou a ocupar a cátedra de filologia clássica. O segundo texto – também conhecido como *terceira consideração intempestiva* – converte-se em uma crítica à visão sobre o ensino vigente nos meios intelectuais da época, que exaltavam o Estado, tomando seus interesses como finalidade do processo educacional. Além dessa crítica, Nietzsche pretende estabelecer como educador exemplar seu mestre Schopenhauer, que via em certos filósofos da época como Hegel, Fichte e Schelling meros funcionários do Estado e não filósofos, no sentido pleno do termo.

Algo que pode surgir em meio a leituras apressadas desses escritos é uma interpretação das ideias de Nietzsche como elitistas, portanto antidemocráticas, fazendo com que enxerguemos nele um filósofo adepto da tirania. A ideia basilar que Nietzsche tem sobre educação diferencia-se – e muito – da ideia vigente nos dias atuais, qual seja, de que o ensino universitário é destinado ao maior número possível de pessoas.

A pretensão desses textos, sobretudo do primeiro, é de categorizar os estabelecimentos de ensino de acordo com funções específicas. Para Nietzsche, cada período da formação do indivíduo carrega certas dinâmicas que merecem ser respeitadas, dividindo sistematicamente a vida escolar dos estudantes. No ginásio, conforme escreve o autor, o aluno deve aprender a obedecer. Mas obedecer a quem? Aos grandes mestres, ou seja, aos

gênios da cultura, descartando assim toda e qualquer subjetividade e narcisismo que faça crer em uma superioridade frente a obras compostas pelos gênios. É no confronto com obras modelares, portanto, na frequência de obras geniais, que os estudantes aprendem a desenvolver suas habilidades. Mas qual valor das obras dos gênios e em qual sentido essas são superiores a outras?

Certamente não no sentido moral, apenas no sentido estético, pois o impacto, a densidade, a abrangência, a pluralidade de recursos e registros das mais variadas fontes utilizados, a influência em níveis amplos e variados na vida da cultura, o poder de descortinar dimensões profundas e complexas e a força de engendrar universais simbólicos e significativos jamais poderão ser alcançados minimamente pelas obras produzidas pelos orgulhosos ginasianos e universitários, democratas ou não, dos tempos de Nietzsche. Quer dizer, estas outras obras não possuem o elemento diferencial no seu sentido forte e profundo, distintivo da grande obra. (WEBER. 2011, p.137)

A categorização dos estabelecimentos de ensino vem de duas grandes concepções de cultura na Alemanha no século XVIII, uma voltada à extensão e a outra voltada à retração da cultura. O que isso significa? A primeira concepção está mais próxima do que podemos chamar de cosmopolitismo, segundo o que o maior número de indivíduos deve ter acesso à cultura. A segunda, ligada à retração da cultura, pretende formar indivíduos que trabalhem no Estado, fortalecendo-o. A primeira visão aparece quando todos os indivíduos têm acesso à cultura superior, inclusive a burguesia. A outra visão surge da necessidade de criação de burocratas, funcionários que desempenharão funções no quadro de administração estatal, gerando um Estado autossuficiente, ou seja, o Estado passa a ser um fim em si mesmo.

No entanto, Nietzsche contesta as duas concepções, pois em ambos os casos, a cultura perece, uma vez que ela figura como acessório no processo de formação. Seguindo qualquer uma das duas concepções, os alunos nunca alcançarão a cultura superior, visto que em ambos os processos de educação a cultura está em segundo plano. O pretexto dessas visões de educação é a edificação do próprio conhecimento científico, não da cultura superior.

É neste contexto que Nietzsche distingue os estabelecimentos de conhecimento científico dos estabelecimentos de ensino de cultura. O detalhe é sutil, mas decisivo: a divisão é entre os *estabelecimentos de ensino*, não entre o saber científico e a cultura, propriamente ditos.

Quanto a mim, só conheço uma única verdadeira oposição, aquele existente entre os estabelecimentos de ensino para a cultura e os estabelecimentos para as

necessidades da vida: à segunda categoria pertencem todos os estabelecimentos que existem, mas, ao contrário, é da primeira que falo. (NIETZSCHE, 2003, p.107)

A distinção de modo mais específico entre cultura e conhecimento científico pode ser verificada na seguinte citação:

Prestem bem atenção meus amigos, há duas coisas que não se deve confundir. Para viver, para travar sua luta pela existência, o homem deve aprender muito, mas tudo o que ele, enquanto indivíduo, aprende e faz com este designo nada tem a ver com a cultura. Ao contrário, esta só tem início numa atmosfera que está muito acima deste mundo das necessidades, da luta pela existência, da miséria. A questão é então saber o quanto um homem estima sua existência subjetiva diante dos outros, o quanto emprega sua força nesta luta individual pela vida. (NIETZSCHE. 2003, p.103)

As escolas que formam sujeitos para trabalhar no mercado devem ser diferentes das escolas que formam sujeitos que irão pensar a cultura. Pois “o sistema do mercado é distinto do sistema da cultura” (WEBER. 2011, p.135). Isso não significa que Nietzsche deseja que apenas as escolas de cultura existam. Ele deseja apenas a categorização dos espaços, cada qual com sua responsabilidade no processo de formação do sujeito.

Não vão com isso crer, meus amigos, que eu quero mitigar os elogios às nossas escolas técnicas e às nossas escolas primárias importantes: eu honro os lugares onde se aprende a calcular adequadamente, onde se domina a língua, onde se leva a sério a geografia, onde se é instruído pelos conhecimentos admiráveis que nos dão as ciências naturais. (NIETZSCHE. 2003, p.106).

É a partir daqui que nos parece oportuno apresentar o conceito de formação (*Bildung*) conforme Nietzsche o discute em suas conferências. Escolas de formação são instituições que lidam com a cultura superior; diversamente são as escolas técnicas que se preocupam com a formação de burocratas estatais. Iremos comentar de forma breve as três concepções de *Bildung*, que são: (1) Clássica; (2) Romântica; (3) Trágica (WEBER, 2011, c.f. p.49-54). A visão clássica de formação diz respeito à bela forma, em função da qual tudo deve ser conformado, expresso de forma clarividente. A visão romântica está ligada a processos subjetivos de formação pessoal. Cada sujeito opera frente a seus desejos, sonhos e anseios de forma distinta dos outros indivíduos. A última concepção traz o fundo trágico da natureza, ou seja, ela leva em consideração os processos criadores da natureza, operando no plano da constituição do próprio ser das coisas.

Diante dessas concepções de *Bildung*, a possibilidade da criação de artistas geniais cresce. Nietzsche chega a mencionar instituições para formar o gênio, instituições atentas ao

processo da *Bildung*. Ele não comenta sob qual das acepções o gênio deve ser formado, mas diz que seu processo e, portanto, suas instituições de ensino devem ser diferentes das demais instituições que não têm este intuito, qual seja, o de pensar a cultura superior.

Inaugura-se aqui um novo e distinto olhar em relação às instituições e aos gênios. Primeiro, as instituições destinadas ao cultivo do sujeito genial devem dar abrigo aos homens de tal envergadura. Mas abrigo contra o quê? Não exatamente contra o *quê* as instituições devem abrigar, mas contra *quem*. Essa seria a forma mais equalizada da pergunta frente à questão. O abrigo que Nietzsche menciona é contra a ignorância do povo alemão, que não reconhece o gênio em vida. Apenas gerações posteriores dão o devido valor ao gênio. A outra perspectiva apresentada por Nietzsche é o fato de que os gênios são cultivados, são, portanto, formados.

Você nos falou tanto a respeito do gênio, foi o que dissemos mais ou menos a ele, nos falou sobre a sua peregrinação penosa e solitária no mundo, como se a natureza só produzisse os contrastes mais extremos; de um lado, a massa no seu sono estúpido e torpe, que se reproduz por instinto, e de outro, muito distante dela, os grandes indivíduos contemplativos, capazes de criações eternas. A estes você chamou de vértice da pirâmide intelectual: mas parece que, entre os grandes e pesados fundamentos e o cume que se eleva com toda liberdade, é necessário um número infinito de graus intermediários, e aí deve valor portanto o princípio: a natureza não dá saltos. (NIETZSCHE, 2003, p.111).

O que Nietzsche quer dizer com essa expressão? Quer dizer que na natureza existe uma série de gradações intelectuais e que, portanto, ela não dá saltos. Basta lembrar uma das lições de seu mestre Schopenhauer, na qual ele categoriza o nível intelectual dos seres existentes de acordo com seu nível de vontade. Temos o reino mineral, depois o vegetal, em seguida o animal e por último o homem. Isso mostra que no processo de criação da natureza existem gradações para com o intelecto. Ora, por que com o gênio – que também é fruto da interação entre sociedade e natureza – seria diferente?

Além do mais, os gênios percorrem um caminho distinto do restante dos homens e com isso, cria-se todo tipo de empecilhos para esses sujeitos se desenvolverem. Nietzsche comenta que existem dois caminhos claros para os homens e que os gênios sofrem mais por estarem num caminho diferente do da maioria.

Pois vocês estão agora numa encruzilhada, sabem agora para onde conduzem as duas vias. Numa delas serão bem recebidos por sua época, ela não lhes deixará faltar as coroas e os signos honoríficos: imensos partidos os conduzirão, em todo

lugar encontrarão pessoas que pensam como vocês. E quando aquele que vai na frente lance um slogan, ele percutirá em cada um no seu posto, o segundo é destruir aqueles que não queiram entrar nestas fileiras. Na outra via, terão companheiros menos numerosos; esta via é mais difícil, mais tortuosa e mais escarpada: aqueles que trilham a primeira via zombarão de vocês, porque vocês marcham com muita dificuldade, eles tentarão também atraí-los para o lado deles. Mas se por acaso as duas vias se cruzarem, aí vocês serão maltratados, deixados de lado, ou antes eles se afastarão de vocês aterrorizados e os isolarão. (NIETZSCHE, 2003, p.116)

Resta aos gênios levar a cabo sua obra. Para que isso ocorra, deve haver instituições que deem o devido apoio a eles, fazendo com que tais indivíduos não se percam em seu caminho. Mas afinal, como identificar quem é o gênio, ou melhor, como saber quem poderá frequentar tais instituições? Nietzsche diz que apenas indivíduos dotados de elevação moral e instinto de heroísmo merecem tal alcunha e, portanto, merecem frequentar tais instituições.

Agora, os melhores sucumbem vítimas destas seduções: e, no fundo, não é a qualidade dos dons que decide aqui se alguém é receptivo ou não a estas vozes, mas sobretudo o grau e o nível de uma certa elevação moral, o instinto do heroísmo, do sacrifício – enfim, uma necessidade autêntica de cultura, conduzida por uma educação adequada e tornada um hábito: uma cultura que é, antes de mais nada, como já disse, uma obediência e uma habituação à disciplina que caracteriza o gênio. (NIETZSCHE, 2003, p.117-118).

Enfim, a pretensão de Nietzsche é que existam diferentes estabelecimentos de ensino para diferentes tipos de sujeitos, nos quais cada um desenvolva de maneira distinta suas aptidões. A função do Estado é apenas garantir que tais sujeitos tenham esses espaços assegurados para o desenvolvimento de suas habilidades.

## Conclusão

Diante dessas duas formulações de um mesmo conceito localizadas na filosofia de Nietzsche – uma metafísica e outra demasiadamente humana – retiramos como saldo o caráter formador (*Bildung*) dos estabelecimentos de ensino.

A diferença entre a primeira formulação do conceito e a segunda formulação é que na primeira a natureza atua de modo direto no gênio, ora de modo espontâneo – como vimos figurada em Homero – ora de modo idealizado conforme visto no Emílio de Rousseau. Ou seja, nesta primeira formulação, o artista aparece como correlato direto da natureza sem qualquer espécie de mediação entre a natureza e a obra artística. Ambos possuem um caráter

identitário porque surgem do mesmo lugar, a saber, do Uno-Primordial. Portanto, neste sentido, ambos são a mesma coisa.

O conceito de gênio localizado na fase intermediária do filósofo aparece sem quaisquer resquícios de hipóteses metafísicas. Neste momento, o gênio cria a partir do seu próprio trabalho e esforço. O acúmulo de energia, a disciplina do método, a paciência, dentre outras, são características demasiadamente humanas. No entanto, os gênios se aproveitam da primeira formulação, a saber, a formulação metafísica, para se promover, fazendo crer que suas obras são frutos, não de características humanas, mas frutos de características divinas.

Será a partir dessa segunda formulação do conceito de gênio que os estabelecimentos de ensino ganham destaque. Ora, se o gênio é fruto de habilidades humanas e não divinas, essas habilidades são apuradas em certos ambientes. Com isso, o artista genial irá desenvolver suas características especiais (mas não sobre-humanas) junto a esses estabelecimentos de ensino. Como vimos, a pretensão de Nietzsche não é extinguir as escolas técnicas, espaços onde aprendemos a ler e a calcular de forma eficiente. Sua pretensão é que existam esses e outros espaços. Ambientes para formação de burocratas que servirão ao Estado e ambientes para formação de indivíduos que irão atuar na cultura.

Desta maneira, o pensamento de Nietzsche sobre educação nos parece atual. No Brasil, atualmente, a educação oferecida pelo Estado nos grandes centros de pesquisa (universidades federais) possui bases semelhantes. Todos baseiam-se em ensino, pesquisa e extensão. Além disso, se comparamos os currículos de um mesmo curso de graduação, entre diferentes regiões do país, notamos muitas semelhanças. Há diferenças, mas são pouco significativas no que diz respeito à formação do aluno. Se existem tantas semelhanças, a formação será basicamente a mesma, mesmo em diferentes regiões do país. O Estado oferece a mesma educação, de ponta a ponta do país, com quais objetivos? Aponto para um (se não o único) objetivo dos nossos estabelecimentos de ensino: formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho.

Se não houver outras opções de estabelecimentos de ensino oferecidas pelo Estado, a formação será sempre a mesma e com isso as habilidades particulares de cada indivíduo serão de certa forma, niveladas. Todos irão se formar, mas do mesmo modo. A construção de estabelecimentos de ensino que reconheçam e ajudem a desenvolver as características

particulares de cada indivíduo se faz necessária, pois caso contrário, a possibilidade da construção de um gênio em nosso país, será cada vez mais difícil de concretizar. Não que o objetivo do nosso país seja a criação de um gênio, mas o Estado enquanto defensor dos interesses de todos – no qual segundo Nietzsche (2007, p.101) “a tarefa de dirigir os homens, quer dizer, a tarefa de manter a lei, a ordem, a calma e a paz entre os milhões de homens que compõem uma raça que na sua maioria é desmesuradamente egoísta, injusta, iníqua, desleal, invejosa, maligna e, além disso, obtusa e teimosa, e ao mesmo tempo proteger sem descanso, contra os vizinhos ávidos e contra os bandidos perversos” – deve criar os meios que possam garantir a realização de tal feito.

## Referências

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Sousa – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia*. Tradução, notas e posfácio: J, Guinsburg – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Estudos sobre educação*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho, - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

WEBER, José Fernandes. *Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche*. Londrina: Eduel, 2011.